

VERGÍLIO FERREIRA

OBRA COMPLETA

RÁPIDA, A SOMBRA

ROMANCE



QUETZAL

σκιᾶδ ὄναρ Ιανζρωπος.

O homem é o sonho de uma sombra.

PÍNDARO, *Pítica* VIII

Meto a chave à porta de casa, rodo-a duas vezes antes de puxar o trinco. Logo, ela não está. Às vezes fecha-se por dentro, mesmo de dia. Medo dos ladrões, diz. Vem tanta coisa nos jornais. Fechadura de triplo fecho, com ferros para cima, para baixo e para o lado, montou-a em vez da simples que tínhamos. Trancados os fechos todos como um cofre-forte. Mas é raro fechar-se — deve ter saído. A casa sufoca de calor. Bate-a o sol de todo o lado, agora é Verão. São prédios esguios, estes, aquecem mais assim. Como enormes estantes em pé, esquadriadas de prateleiras, terá deixado algum bilhete? vou ao escritório ver. Porque quando sai deixa um bilhete. Quase sempre. «Fui ao cinema», «fui a casa de». «Vou à modista.» «Ao cabeleireiro.» Mas antes disso tenho outra vez o calor de que me esquecera. Ou talvez, onde terá ido? o susto repentino, o pânico. E a onda de calor depois. Colada ao corpo, a camisa, em pastas de suor. Mas não entro no escritório, se eu tomasse primeiro um banho? à estocada de um receio com que não contava. E então, para retardar a certeza. Fica ao fundo do corredor, o escritório, tiro o casaco

tiro o casaco ao descer à praia, ninguém a toda a extensão do areal, tiro os sapatos e os óculos, vou largando cada peça da minha degradação, tu apontas, minúscula, ao outro extremo, subtil, vejo-te, vejo-te porque sei que é a hora marcada, meu amor, mon amour, my love, e um insinuado ardor nos olhos, insuportável ternura

tiro o casaco, dispo-me todo, meto-me ao chuveiro. A água fria ataca-me de todo o lado, travada a pele, crispada. Rápido, ensaboo-me, os flocos de espuma. E a uma descarga nova, vigorosa, lento o sabão escorre, fecho a torneira. O calor avoluma-se macio na aspereza dos poros, incha-me no corpo à fricção da toalha. O pijama. Está quente. Calço os chinelos de casa — não. Vou descalço pela alcatifa. Um alor soergue-me na facilidade dos músculos. E sento-me no sofá, o bilhete num dos braços, leio. A tinta vermelha. «Vou-me embora.» O bilhete esquecido na mão. Até que o deixo cair, cerro os olhos, um fino arrepio em todo o corpo. Levanto-me, brusco, vou ao quarto, alguma roupa caída pelo chão. As gavetas meio abertas. Entardece devagar.

Sentado no sofá, o olhar aéreo em volta. Bate o sol numa estante, um raio limpo. Filtra-se pelo estore, suponho que, toca ao alto a primeira prateleira, o primeiro livro à esquerda, *História da Música*, ponho um disco no aparelho. É um aparelho novo, ofereceu-mo pelos anos. Entre os vários mecanismos, tem um que me interessa, a ver se me não engano nos botões. Repete a música indefinidamente, chama-se *Amanhecer*. A música. É um título de ironia, penso, as manhãs trazem uma voz de triunfo, mesmo para os que não vencerem. É um amanhecer calmo. Este. Sem vitórias nem derrotas para depois. Nem triste nem alegre, música apenas, com a evidência da vida no meio — porque estás triste? Não estou. Vou à janela da marquise, olho em baixo as árvores trémulas de luz

— gosto tanto desta música. Ouvi-la até me entrar no sangue, porque estás triste? E como se de o não saber, mais triste assim. Oh, não, melancolia agora, não. Ser simplesmente um homem. Com alegrias pequenas e grandes, chatices quotidianas e das que dão a volta à vida toda — na coragem simples de existires. Mas esta súbita solidão, instantâneo o desamparo a toda a roda em deserto. Os bons propósitos, pois, os bons propósitos. São sempre despropositados. Sente-se com o corpo todo e com tudo o que está nele. Mas pensa-se com um mecanismo qualquer independente que se compra nas lojas do pensar. Excepto se. Não penses. De qualquer modo, de novo no sofá — e que hei-de eu fazer? Pensar. É assim tão difícil ter uma ideia bem nossa? Tão excessivo. O raio de sol, limpo. Vivo. Do chão ao tecto, toda a parede, uma muralha de livros. E incrustadas neles, nas estantes, várias caixas para papéis. Numa das estantes, o retrato de Helena — porque o não levaste? a tua presença ainda. Foi numa praia do Sul, um Verão, há quantos anos? Saída das ondas, e os teus cabelos louros. Longos.

Vejo-os brilhar, iluminam-se a todo o espaço da alegria, ao extremo do areal.

Um instantâneo de graça e o teu sorriso feliz. Para a eternidade da noite. O teu sorriso. Estás linda. Não tu, agora, envelhecida — envelheceste tanto

— As louras envelhecem mais cedo

a pele do pescoço pregueada como a dos perus. Cedo. E no entanto, no instante exacto da perfeição, da força inteira da beleza. Da vida. Túmida branca solar. Mon amour. A onda referve, enrodilhada de espuma, tu ergues na passada a coxa

rutilante. E o teu riso no ar, no esplendor da manhã. Fito-te agora como se pela primeira vez. A touca na mão e os cabelos desprendidos — como a alegria é difícil. O breve triângulo do calção um pouco descaído, a tira estreita dos seios. E o giro rápido de todo o teu corpo nu. Fresca e firme, nervosa linha animal. O busto pequeno, fechando para a cintura, frágil e elástica. E as ancas. Densas, pesando para a terra. Germinadoras fortíssimas. Pus-te aí uma filha, avolumou-se, nasceu. Revolteado vigor, tu, estorcida vibração, feroz. Mas impregnada, marcada à violência, nenhum outro filho mais. Olho-te. Teu corpo. O estrito campo do entendimento da vida — que mais? Nada mais. Tenho a minha vida completa. Nada mais. Todos os sonhos realizados, quero dizer, esgotados no que há de belo em o serem, mesmo um ou outro que não era para aqui chamado. Sou um «escritor» — oh, oh. Tive a glória e as facilidades dela, mesmo as monetárias — que tenho eu a ver com isso? Como aqueles grandes senhores que têm um grande palácio mas só habitam um canto dele — mas nem é minha esta imagem. Projecto-me para todo o palácio e para fora dele, mas eu estou aqui. No meu corpo. Verdade primeira e última. E no meio, todas as ficções criadas à custa dele. Com isto se é grande, dizem, e humano para cima do animal. Meu Deus. Eu quero ser animal — que ilusão. Não podes ser animal. Ou espírito ou acabou-se, na velhice é assim. Escreve um tratado sobre a velhice. Que esgotadas as paixões, apagados os ardores, então o espírito finalmente livre. Escreve. Ou um grande volume sobre o fim das coisas e a grandiloqua tragédia da noite — ó Deus. Eu queria ser animal. O autêntico. O que, pleno da sua condição, em bruteza comprimindo-se no estômago e sobretudo mais abaixo, onde se fabrica o animal. Só isso, querida, no teu retrato do Sul. Então Helena disse-me:

— Não.

— Porque não?

— É ridícula a pergunta. Você não me interessa. Há muita mulher a quem interesse. Já tem um nome, já publicou um livro.

— Dois livros.

E então Hélia disse-me:

— Compreende que isso não me importa. Um homem não interessa pelo que ele é para os outros.

— Não tenho culpa do que sou para os outros.

— Quer que lhe diga que está velho?

— Não estou.

— Porque um móvel é velho, só pelo facto de ser antigo. Mesmo que o não tenham usado.

Mon amour. My love. Não há línguas bastantes para te dizerem. Esta música ao menos, se ela te dissesse. Na melancolia grave que está entre a alegria e a amargura. Ou antes de uma e outra. Ou depois. Ouço-a, esqueço-me, o papel no chão. Leio-o de cima «vou-me embora». Saída das ondas como quando havia deuses. E o sol. Cai-te a prumo nos cabelos claros, acende a festa do teu corpo. Saída das ondas — saída dos livros que em muralha de cima a baixo, de um lado ao outro da sala. Cinquenta anos de saber, tu antes e depois, o disco acabou. Mas envelheceste tanto. Os carros na avenida. Cresce o ruído dos motores como quem chega a um limite. O telefone. Quem chama? O disco recomeça.